



ISSN 2358-6060

DOI: 10.5216/ac.v8i1.70136

Osmar Vanio Fernandes  
Alberto Ferreira da Rocha Junior

## *Outros Relatos Novas Histórias*

O processo textual e cênico desenvolvido por Grace Passô e sua relação com as questões de gênero, subalternidade e negrura.

## *Other Reports New Stories*

The textual and scenic process developed by Grace Passô and its relationship with issues of gender, subalternity and blackness.

## RESUMO

O referido artigo versa sobre as questões de gênero, mulher negra e teatro, isso é feito, com o intuito de compreender a relação existente entre gênero, o fazer teatral e a construção da memória na cena teatral de Belo Horizonte, buscando entender de que forma uma mulher negra, consegue romper com uma situação imposta pelo patriarcado existente na cena cultural de Belo Horizonte, impondo-se como dramaturga, diretora de teatro e atriz.

**Palavras-chave:** Teatro Mineiro, Mulheres no Teatro, Gênero, Grace Passô, Memória.

## ABSTRACT

This article deals with issues of gender, black women and theater, this is done, in order to understand the relationship between gender, theatrical making and the construction of memory in the theatrical scene of Belo Horizonte, seeking to understand how a black woman, manages to break with a situation imposed by the patriarchy existing in the cultural scene of Belo Horizonte, imposing herself as a playwright, theater director and actress.

**Keywords:** Minas Gerais Theater, Theater Direction, Women in Theater, Gender, Grace Passô.

## APRESENTAÇÃO:

*Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente (Evaristo, 2017, p. 151).*

Este artigo perpassa alguns pontos da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, na Universidade Federal de São João del-Rei. -Apresentamos aqui um recorte do assunto discutido no segundo capítulo da dissertação intitulada: Relatos, momentos e história: a construção cênica de Ione de Medeiros e Grace Passô. Capítulo esse que tem como subtítulo: Outros relatos, novas histórias: o processo textual e cênico desenvolvido por Grace Passô e sua relação com as questões de gênero, subalternidade e negrura. Busca-se aqui compreender a situação da mulher negra na Cena Teatral de Belo Horizonte e suas implicações no cenário teatral atual.

Para compreendermos melhor essa estruturação imposta por esse cenário patriarcalista, que observamos no cenário teatral de Belo Horizonte, é preciso valer-se de relatos trazidos por outros estudos nos quais, observa-se o quão pequeno era o número de mulheres dirigindo espetáculos na capital mineira entre os anos de 1980 até o início dos anos 2000<sup>1</sup>. Entende-se que o reflexo desse processo de

---

<sup>1</sup> Ver Alvarenga, 2011, p.84-85.

invisibilidade, sofrida pelas mulheres na cena teatral e aqui fazemos um recorte para a direção teatral, ainda persiste nos dias de hoje, porém, de forma bastante diminuída, uma vez que ao criarem linhas de fugas como: estruturação de coletivos feministas, nos quais as criações de performances e espetáculos teatrais são construídos e pensados a partir da necessidade do existir e do (resistir) delas. Entendendo que nestes espaços ou coletivos, torna-se possível criar formas de denunciar a violência sofrida por muitas mulheres, além de criticar o abandono do Estado, quando o assunto se refere à segurança e bem estar delas. Outro fator que pode ter possibilitado o aumento da presença da mulher no cenário da direção teatral, são os cursos de formação, tanto técnicos quanto universitários. Ao longo dos anos, elas têm sido presença efetiva, criando núcleos que lhes permitem não só quebrar com a hegemonia masculina existente nesse cenário, mas também romper com uma lógica estrutural imposta pela sociedade e que durante muito tempo tem trabalhado para manter a invisibilização da mulher nesse cenário teatral e em outros.

#### **A TRAJETORIA DE GRACE PASSÔ:**

*As pessoas sempre me perguntavam de onde eu venho: De onde você vem? (Kilomba, 2019, p.111).*

A atriz, diretora e dramaturga Grace Passô, mulher negra, aparece no cenário teatral e dramaturgicamente mineiro no início do ano de 2005, colocando abaixo alguns pilares estruturais existentes nesse cenário. Não satisfeita em escrever histórias, nas quais ela possa existir, essa mulher negra também dirige seus espetáculos.

Para muitos, a trajetória de Grace Passô na senda teatral, inicia-se com o espetáculo *Por Elise* em 2005, porém, acreditamos que esse início, localiza-se um pouco antes, quando ela ingressa no curso de formação de atores no Centro de Formação Artística e Tecnológica (CEFART), no Palácio das Artes em Belo Horizonte, em 1993, escola na qual Grace Passô vai estruturar as bases do seu trabalho como atriz. Após esse processo de aprendizado, “Grace Passô lança-se como diretora e dramaturga, pelo fato de não se encontrar naquilo que outros dramaturgos escreviam para teatro” (Passô *apud* Oliveira, 2019).

Assim, em 2005, Grace Passô se lança na construção de seu próprio universo na cena teatral e com os amigos Gustavo Bones, Marcelo Castro, Paulo Azevedo, Samira Ávila<sup>2</sup>, entre outros, estrutura o Grupo Teatro Espanca. Com a montagem de *Por Elise* em 2005, Grace Passô e o Grupo Teatro Espanca são alavancados no cenário cultural não só de Minas Gerais, mas de todo o Brasil. Discorrer sobre Grace Passô é discorrer sobre mulher em todos os seus matizes,

---

<sup>2</sup> Esse ator foi substituído depois pelo ator Sérgio Penna; e a atriz foi substituída depois pela atriz, Renata Cabral.

assim, é preciso citar algumas mulheres que vieram, antes dela, auxiliando na estruturação desta senda que é a direção teatral em Belo Horizonte. Portanto, falar da história do teatro em Belo Horizonte e não citar nomes como o de Ione de Medeiros, Cida Falabella (Cia de Teatro Sonho e Drama/ Zap 18), Yara de Novaes (Grupo de Teatro Encena), Mamélia Dornelles, Haydée Bittencourt<sup>3</sup>, Celsa Rosa, Márcia Mônica, Inês Peixoto<sup>4</sup>, Glória Melgaço, Sula Mavrudis entre outras, seria o mesmo que contribuir para a manutenção desse processo de invisibilização da mulher nesse cenário da direção teatral.

A diretora Ione de Medeiros, ao longo de mais de quarenta anos à frente do Grupo Oficina Multimídia, tem trabalhado na construção de redes, caminhos para uma melhor leitura e participação da mulher na Direção Teatral. Ione de Medeiros vem ao longo dos anos auxiliando na estruturação de uma desconstrução do patriarcalismo existente na cena teatral de Belo Horizonte. Tanto ela quanto o Grupo Oficina Multimídia com suas montagens, tem

---

<sup>3</sup> Foi diretora do Teatro Universitário (TU) da UFMG de 1961 a 1980, que, sob sua liderança, montou peças como *O noviço*, de Martins Pena, *Sonho de uma noite de verão*, de Shakespeare, *Bodas de sangue*, de Garcia Lorca, e *Três irmãs*, de Tchecov. Também em Belo Horizonte exerceu papel decisivo na construção do Teatro Marília, inaugurado em 1964 com a apresentação da peça *Vestido de noiva*, de Nelson Rodrigues, em montagem do TU, dirigida por Haydée.

<sup>4</sup> Atriz, diretora e dramaturga ingressou no teatro universitário (TU) em 1979. Em 1981 migrou para o centro de formação artística da fundação Clóvis Salgado (CEFAR). Em 1992, depois de participar de uma série de workshops promovidos pelo Grupo Galpão, foi convidada para a montagem de *"Romeu e Julieta"*, de Gabriel Villela. Desde então, tornou-se integrante do grupo.

possibilitado uma discussão mais ampla, quanto à existência e resistência das mulheres junto ao fazer teatral.

Ione de Medeiros trilha o caminho da Direção Teatral, porém, por um viés um tanto diferente. É formada em Música Clássica e em Letras pela UFMG. Ela adentra a vida teatral, pelo viés da música e juntamente com o argentino Rufo Herrera em 1977, funda o Grupo Oficina Multimídia. Em 1983, Ione de Medeiros assume a direção do Grupo Oficina Multimídia, ao conceber e dirigir o espetáculo *Biografia*. De lá para cá, são mais de vinte espetáculos, aos quais, Ione de Medeiros dá forma e assina a direção, imprimindo neles sua visão e suas necessidades de expressão e principalmente uma forte crítica quanto à supremacia masculina no cenário teatral de Belo Horizonte.

Pensamos ser impossível falar desse Teatro e não relacioná-lo às questões de gênero, assunto que tanto Grace Passô quanto Ione de Medeiros denunciam ou trazem essas questões implícitas em suas falas e também em seus espetáculos. Como nos afiança Ione de Medeiros, no que tange à participação da mulher na cena teatral de Belo Horizonte,

embora aponte alguns nomes de diretoras na cena de BH, reconheço que a legitimação do lugar da mulher é uma conquista. "Ainda há diferenças de tratamento quando é um homem quem dirige", afirma. (Medeiros *apud* Athiê).

lone de Medeiros ainda traz outros pontos de vista no que diz respeito à desestabilização de estruturas normativas que atravessam as discussões de gênero, no campo das artes em Belo Horizonte, porém vamos nos ater no momento, às questões postas por Grace Passô. Nesse tocante, quanto à questão da mulher negra dentro da cena teatral, Passô afirma que:

vejo o meio artístico como um espelho muito concreto do que é o racismo no país. A mulher negra sempre foi um elemento estruturante da nossa sociedade, mas só agora acontece uma expansão dos espaços que podemos ocupar (Passô *apud* Oliveira, 2019).

Essa expansão, Grace Passô vai conquistá-la no teatro mais precisamente na direção teatral e na dramaturgia. No entanto, ao adentrar nesse cenário como diretora, essa mulher negra vai observar a preponderância masculina e por que não dizer sexista, que ali se encontrava instalada. Ao se perceber nesse local, Grace Passô não só se reconhece como artista, mulher, mas passa a imprimir em suas encenações toda sua potência como dramaturga, mulher e negra, fazendo com que sua presença seja de fato um elemento estruturante nesse lugar que se abre na cena teatral de Belo Horizonte.

A partir de sua inserção nesse lugar de representação (e podemos pensar em um duplo sentido para essa palavra, pois representar é “estar no lugar de”), Grace Passô trabalha em função da resignificação do que é ser mulher, ser negra e diretora de teatro



no cenário atual, “chamando a atenção para reflexões que partem do racismo, da desigualdade social e do feminismo” (Simões, 2018).

Nesse ponto, para entendemos melhor essa relação existente no cenário da Direção Teatral de Belo Horizonte, no que se refere à presença da mulher negra nesse cenário, tomo emprestado uma definição da escritora Conceição Evaristo, que nos aponta: “quando uma mulher pobre, oriunda da favela, se põe a escrever, ela rompe com toda uma lógica imposta pela sociedade” (Evaristo *apud* TV Brasil, 2018).

Ao adentrarem o cenário da direção teatral, construindo universos possíveis, rompendo com uma lógica imposta, Grace Passô e todas as outras que a antecederam ou mesmo as que a sucederam, nos força a repensar e a reescrever as memórias/histórias, da cena teatral, não só em Belo Horizonte.

## GRACE PASSÔ, FEMINISMO (NEGRO) E SUA RELAÇÃO COM A CENA TEATRAL.

*Quero usar o teatro para questionar os limites e as fronteiras da existência humana (Bogart, 2011, p.76).*

Partindo de um lugar de silenciamento dentro da cena teatral, e construindo juntamente com outras diretoras de teatro uma possível visibilidade para aquilo que se propunha fazer, Grace Passô

desconstrói junto ao patriarcado existente na cena teatral de Minas Gerais esse lugar de invisibilidade, direcionando sua fala às mulheres que como ela, tendem a romper com a vigência desse patriarcado. Construindo redes de solidariedade, nas quais elas pudessem dialogar, falar o que sentem. Levar para a cena de teatro aquilo que para elas é potente, construindo pontes para que muitas outras pudessem atravessar. Ao construir espetáculos de grande solidez no cenário teatral, essa jovem diretora (e digo isso não de forma pejorativa, mas compreendendo que a pessoa Grace Passô, ainda é muito jovem), abre caminhos para possíveis representações femininas. Como ela mesma afirma em entrevista concedida ao jornal *O povo*,

eu sei que represento para várias mulheres muitas coisas, muitas vozes abaixadas. O teatro que faço hoje é um reflexo de uma existência, digamos que consegui vencer algumas guerras, que venho conseguindo furar uma blindagem muito potente, que é a blindagem do silenciamento, do apagamento (Passô *apud* Simões, 2018).

Ao vencer esse silenciamento e apagamento como Grace Passô mesma afirma, ela vai ao encontro do que Letícia Oliveira (2018) defende no artigo *(In)visibilidades e empoderamento das encenadoras no teatro brasileiro*, e auxilia diretamente na construção de uma historiografia cênica voltada à produção feminina no teatro. Grace Passô, como contribuinte direta dessa construção o faz de

forma consciente, uma vez que a mesma afirma ter plena consciência de que vem,

de lugares que são lugares que foram e que são historicamente invisibilizados e silenciados. São vários lugares, não só relacionados à negritude. E, de alguma forma, partir desses lugares é interessante para expandir horizontes (Passô *apud* Simões, 2018).

Pensamos ser possível expandir nossos horizontes, quando buscamos compreender o feminismo e seu lugar como resistência dentro de uma produção cultural, e que isso é de extrema importância e de muita urgência. Entender esse mesmo feminismo em função da mulher negra dentro de um âmbito geral é uma tarefa um tanto difícil mesmo nos dias de hoje, no entanto, faz-se urgente e necessário entender, discorrer sobre e praticar.

No livro *Mulheres, raça e classe*, Angela Davis (2016) traça um paralelo em relação à vida da mulher negra e dos homens negros que eram escravizados nos Estados Unidos no século XIX. Em seus relatos, tanto homens quanto mulheres escravizadas/os desempenhavam a mesma função no trato com a lavoura. “O sino toca às quatro horas da manhã e elas têm meia hora para ficar prontas. Homens e mulheres começam juntos, e as mulheres devem trabalhar com o mesmo afinco e realizar as mesmas tarefas que os homens” (Davis, 2016, p.27).

É importante observarmos que quando é para trazer lucros para determinados grupos, pode ser pensada e aplicada essa

igualdade, quando essa igualdade é pensada para trazer benefícios àqueles que são ou foram de alguma forma invisibilizados, torna-se impossível essa discussão. Assim, como no século XIX, “Não havia compensações pelo trabalho na lavoura, que de nada servia aos propósitos das mulheres e homens escravizadas/os”, como nos afirma Davis (2016, p.34), o trabalho doméstico era o único trabalho significativo para a comunidade escravizada como um todo (Davis, 2016, p.34) e às mulheres negras, no Brasil é o que resta. Para grande parte da população negra, principalmente para as mulheres, são reservados trabalhos mal remunerados.

No Brasil, a mulher negra passa de mucama a empregada doméstica, com baixa remuneração e pouco tempo para a família. Ainda segundo Grace Passô (*apud* Simões, 2018), a necessidade “de colocar em evidência a perspectiva da mulher no mundo, na arte, está em vários campos da nossa sociedade e a dramaturgia é uma delas”. Por isso, ao se construir enquanto artista, a diretora constrói pontos de resistências, os quais ela mesma define como lugares de refúgios.

Esse lugar de resistência, que permite à diretora Grace Passô pensar sua artesanaria, e que essa construção artesanal está diretamente ligada à questão social, da mulher, da/o negra/o dentro da sociedade, faz despertar no sujeito participante desse universo aquilo que Evaristo nos relata ao citar Carolina Maria de Jesus, dizendo que muitas vezes “nos vemos contidos na história de Quarto de Despejo, tanto nas tristezas vividas pela autora, quanto na

audácia” a que ela se impôs, lançando-se a escrever (Evaristo *apud* TV Brasil, 2018).

#### ATOS SUBVERSIVOS:

*Quando uma obra é dissidente e progressista, dificilmente é muito resenhada nos meios convencionais (hooks, 2015, p.8).*

A escritora Conceição Evaristo disse uma vez em entrevista ao jornalista Florestan Fernandes Jr, no programa Espaço Público do Canal Brasil em 2015 que: “à mulher negra é dado o direito de sambar, cozinhar, prostituir-se, em alguns momentos cantar, mas escrever não” (Evaristo *apud* TV Brasil 2015). O ato de escrever, de fato é extremamente subversivo, como afirma a Diretora de Teatro Grace Passô, “escrever o que você mesma vai falar é de uma potência incrível” (Passô *apud* Oliveira 2019).

Quando escrevemos contando nossas histórias, criamos uma relação direta com aqueles que nos cercam, influenciando-os a fazer o mesmo e isso nos permite criar redes, que se fortalecem, estruturando meios que nos permitam resistir. Grace Passô afirma em entrevista à repórter Joana Oliveira que:

sei que eu tenho uma produção foda e não tenho dúvidas de que o que eu faço reverbera em muita gente, mas também sei que muitas outras mulheres negras produzem coisas incríveis e só precisam de espaço (Passô *apud* Oliveira 2019).

Como Grace Passô afirma, nosso ato de escrever reverbera na forma como construímos e reconstruímos nossa existência, nosso caminhar no mundo, influenciando, dando forma e criando novos caminhos para aquelas/es que nos seguem, que caminham conosco ou mesmo para aquelas/es que vêm depois. Muitas civilizações deixaram construções imensas e pouco ou quase nada se sabe sobre elas, porém, aquelas que deixaram algo escrito permaneceram vivas, mesmo depois de seu desaparecimento. Nesse sentido, o ato de escrever, subverte a lógica do apagamento de certos indivíduos, pois resistimos e existimos a partir do ato de contar, do registrar.

Ao escrever aquilo que a própria pessoa vai falar, é possível transformar esse discurso em algo muito potente, subversivo, pois o ato de contar, de fazer história, pode ser entendido como um ato de extrema rebeldia e subversão, porque ao fazê-lo, nos tornamos protagonistas de nossas histórias. E é esse protagonismo, que tem possibilitado ao sujeito negro/a existir, resistir à morte, ao extermínio gratuito.

Portanto, quando nos juntamos para contar nossas histórias, criamos a possibilidade de existir por mais tempo, criamos relações, redes às quais nos relacionamos, construindo caminhos nos quais podemos seguir juntas/os estruturando velhas e novas histórias, mantendo relações de afeto que, em muitos momentos, podem ser nossa única fonte de salvação e proteção.

Ressaltamos que escrevemos para existir, como nos afiança Grace Passô, contudo, ao buscarmos informações para esse estudo, constatamos ser pequeno o número de mulheres exercendo a função de diretoras de teatro em Minas Gerais, de meados dos anos 1990 até 2000, aproximadamente, assim como o número de textos escritos por mulheres e encenados também era baixo neste mesmo período na capital mineira<sup>5</sup>.

Mesmo assim, é possível pensar que muitas outras mulheres estivessem envolvidas com Teatro mais precisamente com a Direção Teatral, no entanto não tiveram seus nomes registrados naquele momento. Podemos pensar que a representatividade feminina no que tange à Direção Teatral, desde sempre tenha sofrido certa invisibilidade, muito provavelmente devido à grande naturalização do sujeito masculino nesse mesmo local e em outros relacionados diretamente ao meio Teatral.

Portanto, busquemos retomar o ponto inicial dessa discussão, ao se lançar como Dramaturga e Diretora de Teatro, escrevendo em função de sua existência e fazendo repercutir no outro aquilo que criava enquanto mundo, Grace Passô imprime no Cenário Teatral de Belo Horizonte sua presença, fazendo com que sua negrura seja de fato um elemento estruturante nesse lugar que se abre na Cena Teatral em Minas Gerais.

---

<sup>5</sup> Alvarenga, 2011, p.86-88.

## A CENA POLÍTICA DE GRACE PASSÔ.

*O teatro me ensina a não resistir ao fato de que é necessário se relacionar.  
Afetar o outro e se deixar afetar (Passô apud Filgueiras, 2018).*

Pensar a cena política teatral no Brasil em momento tão singular é de certa forma uma obrigação. Pois só assim pode-se descolonizar pensamentos e ações arbitrários, que vem sendo perpetrados contra sujeitos negros/as no território brasileiro ao longo dos séculos.

Nesse tocante, ao se posicionar na cena teatral mineira quanto a sua negrura, Grace Passô transforma esse ato, em um ato político, pois, ao se colocar como representante de determinada classe cercada de violência e atravessada por questões periféricas, essa mulher cujo corpo foge aos padrões estéticos impostos pela ditadura de uma mídia “global” imprime no inconsciente de toda uma geração, tanto de mulheres negras, quanto de homens negros que é possível mudar, é possível desconstruir esse lugar que foi naturalizado (não pelo sujeito negro/a), nas para o sujeito negro/a.

Portanto, ao entender o ato de escrever como um ato político, porque aquele que escreve, que registra, tem o poder de contar a história à sua maneira, assim, Grace Passô afirma que:

dá vontade de escrever mais, sim, cada vez mais, quanto mais as injustiças ficam explícitas mais naturalizadas, a violência mais naturalizada, quanto mais isso vai se transformando em algo normal, mais dá vontade de falar



diretamente sobre essas coisas, ou pelo menos estar diante dessas coisas. Diante dessas questões que a sociedade escancara (Passô *apud* Filgueiras, 2018).

Ao postar-se diante de uma sociedade “injusta”, como mulher negra, a dramaturga, diretora e atriz Grace Passô e sua escrita subversiva, torna-se representacional, porque fala daquilo ou daquele que há muito tem sido explorado, e poucos são os que de fato dão a essa expressão seu verdadeiro reconhecimento. Homens e mulheres negros/as têm sido explorados como vilões em filmes, novelas entre outros, no entanto, como nos afirma Passô em entrevista à jornalista Luiza Pécora:

a produção negra é um grande farol para a arte brasileira: traz assunto, consistência, noção do gesto político, mudança de perspectivas na estrutura da arte. É um olhar que vem na contramão de certas noções de beleza que pareciam estáveis, que traz contundência no sentido de discutir e de mudar o público. O que a arte preta vem fazendo, também, é trazer um público mais preto para esse circuito de arte (Passô *apud* Pécora, 2019).

Ao questionar este local de produção, Grace Passô enfatiza a necessidade de conhecer e buscar conhecimento não só sobre o que o sujeito negro/a produz enquanto cultura, mas sobre a produção cultural em geral, conhecer o que se produz em cultura de norte a sul do país. Grace Passô e muitos outros pensadores, artistas e ativistas negros/as nos convidam a sair da caixa, e ampliar nossa visão, e é

essa visão ampliada que nos permite contestar, apontar o que de fato está errado e lutar por nossos direitos, criar e ser resistência.

Essa resistência surge e ganha forças à “medida em que existe um peso, um excesso de violências em um corpo como o meu, e em corpos de mulheres que representam mulheres periféricas” (Passô *apud* Abê, 2018). Assim sendo, é preciso entender que a violência que atinge a uma, atinge a todas, portanto, quando Grace Passô fala de violência contra mulheres nas peças de teatro que escreve e encena, faz com que esses atos de violência diminuam, mostrando a essas mulheres machucadas pela violência, seja essa violência infringida no lar, no trabalho ou mesmo na rua, que é possível denunciar.

Ao trazer para a cena de teatro, pessoas comuns, em situação de violência, Grace Passô afirma que,

pode parecer pouco, mas diz muito. Esse termo é usado em abundância, mas, ao mesmo tempo, é difícil de entender. Traz uma luz às pessoas que são reconhecíveis em lugares comuns da vida. Lança um olhar sobre o afeto e, sem dúvida nenhuma, esse sentimento virou um diamante no nosso tempo. Estamos passando por uma violência tão profunda que, quando digo afeto, não falo apenas de carinho ou coisas banais. Mas também da potência que existe em aceitar relacionar-se com o outro. Empatia. A potência da convivência (Passô *apud* Milani, 2018).

Para lutar contra a violência, é necessário muitas vezes criar lugares de resistência, muitas vezes é preciso criar quilombos. Nesse

tocante, como nos afiança Grace Passô, o teatro é esse lugar, de resistência, no qual é possível formular respostas às questões urgentes da nossa sociedade, justamente por ele estar, enquanto arte, num lugar outro.

Entende-se ser necessário o fazer-se político, e pensa-se também ser urgente fazer da voz feminina um grito, para assim, como sujeito reivindicar e consolidar direitos, saber de seus deveres e principalmente expressar-se segundo suas vontades, sem retirar do outro sua liberdade. Claro, dizendo assim fica fácil, pois somos homens, e corremos o risco de mesmo sem querer, nos fazemos impor, contudo, nos apoiamos nos dizeres de hooks, quando afirma que: “um homem despojado de privilégios masculinos, que aderiu às políticas feministas, é um companheiro valioso de luta, e de maneira alguma é uma ameaça” (hooks, 2020, p.31). Mesmo sabendo de antemão como afirma Grace Passô que “a gente ainda vive resquícios de um país colonizado, que começou como capitânicas hereditárias”, (Passô *apud* Romagnolli, 2013) e que nessa capitania, o sujeito que serve é aquele que foi colonizado.

Descolonizar o pensamento e ações é uma urgência, pois a permanência desse pensamento colonial implica em perda de vidas, na sua maioria, negras.

## CONCLUSÃO

*Cada minuto da História dura até apagar-se, isto é, esvai-se, mas para ser substituído por outro, e assim sucessivamente (Martins, 2021, p.27).*

Entendemos a construção da memória de um povo, a partir do contar, registrar, do construir com e em função da/o outra/o. E, nesse sentido, muitas foram as mulheres que participaram da construção de nossa história teatral, no entanto, muitas delas não constam nos registros da história. Por exemplo, muito provavelmente, podemos afirmar que Grace Passô não foi a primeira mulher negra a escrever, dirigir e atuar em teatro na cidade de Belo Horizonte. No entanto, numa pesquisa primária não nos aparece outro nome se não o dela (Grace Passô). Há na história da construção desse teatro mineiro, muitas: Grace Passô, Leda Maria Martins, Andreia Rodrigues, Adélia Carvalho, Leticia Andrade, Ana Carolina Martins Lopes, entre outras, que têm sido invisibilizadas até hoje.

E essa invisibilização se dá muitas vezes pelo fato de seus nomes serem negligenciados dos registros jornalísticos, acadêmicos, entre outros. A história tem nos mostrado como é fácil exterminar uma determinada pessoas ou um determinado nome dos meios de circulação, basta parar de citá-la/o, parar de escrever sobre ela/e, assim, aquelas/es que vierem depois saberão muito pouco ou quase nada sobre essa pessoa.

Djamila Ribeiro, no livro *Lugar de Fala*, afirma que “a história tem nos mostrado que a invisibilidade mata [...] a reflexão a ser feita, é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida” (Ribeiro, 2019, p.42). E esse direito à vida, a essa existência, se estende também quanto às questões artísticas.

Assim, escrever sobre aquelas que fazem do nosso teatro um ato de subversão e que rompem com situações impostas há anos por uma sociedade patriarcal, possibilitando a construção e a ascensão de novos paradigmas, tornou-se um ato urgente e de extrema importância. Esse ato possibilita também a construção de uma sociedade galgada em poéticas menos arbitrarias e mais propensas ao desenvolvimento coletivo, possibilitando às mulheres negras, a possibilidade de existir, a partir de suas histórias, de suas biografias.

Evoé a todas as vozes que se levantam e juntas se lançam à frente dessa comitiva na busca por uma reestruturação de pensamentos e paradigmas da cena teatral, onde quer que ela aconteça.

## REFERÊNCIAS

ABÊ, Renato. **Atriz Grace Passô fala sobre atuação e exclusões**. *Jornal O POVO*. 01/05/2018. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/vidaearte/2018/05/atriz-grace-passo-fala-sobre-atuacao-e-exclusoes-ao-o-povo.html>. Acesso em: 30/04/2022.

ALVARENGA, Geraldo Ângelo Octaviano de. **Teatro em Belo Horizonte: de 1980 a 1990.** (Dissertação de Mestrado em Artes) Belo Horizonte: UFMG, 2011.

ATHIE, Joyce. **Ione de Medeiros segue na busca pelo experimento e comemora trajetória.** Jornal O Tempo, 28/01/2018. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/diversao/magazine/ione-de-medeiros-segue-na-busca-pelo-experimento-e-comemora-trajetoria-1.1567588>. Acesso em: 05/05/2022.

BOGART, Anne. **A preparação do diretor.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BUTLER, Judith, **Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe.** São Paulo: Boitempo, 2016.

FILGUERAS, Mariana. **O teatro é uma espécie de aquilombamento.** **Continente**, 24/04/2018. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/secoes/entrevista/ro-teatro-e-uma-especie-de-aquilombamento>. Acesso em: 21/04/2022.

hooks, bell; **O feminismo é para todos.** Políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HACKNEN, Douglas. 02/06/2020. **Presidente da Fundação Palmares diz que movimento negro é uma 'escória maldita.** Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/politica/2020/06/5611250-presidente-da-fundacaopalmares-diz-que-movimento-negro-e-uma--escoria-maldita.html>. Acesso em 07/05/2022.

KILOMBA, Grada, **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performance do tempo espiralar: poética do corpo – tela.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MILANI, Robledo. **Temporada: Entrevista Exclusiva com Grace Passô.** 12/09/2018. Disponível em <https://www.papodecinema.com.br/entrevistas/temporada-entrevista-exclusivacom-grace-passo/>. Acesso em: 04/05/2022.

OLIVEIRA, Leticia Mendes de. **(In)visibilidades e empoderamento das encenadoras no teatro brasileiro**. Urdimento, Florianópolis, 2018, p. 157-173. Acesso em: 12/05/2022.

PASSÔ, Grace. **Por Elise**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2012.

PÉCORA, Luísa. Grace Passô: “**A produção negra é um farol para a arte brasileira**” 21/01/2019. Disponível em: <https://mulhernocinema.com/entrevistas/grace-passo-a-producao-negra-e-umfarol-para-a-arte-brasileira/>. Acesso em: 06/05/2022.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

ROMAGNOLLI, Luciana. Entrevista – **16 perguntas sobre passado e presente para Grace Passô** 01/04/2013. Disponível em: <https://www.horizontedacena.com/entrevista-16-perguntas-sobre-passado-e-presente-para-grace-passo/>. Acesso em: 01/05/2022.

SIMÕES, Lucas. **As vozes de Grace Passô** - Atriz e dramaturga apresenta em BH novo espetáculo “Preto” e prepara continuação do aclamado solo “Vaga Carne” 13/04/2018. Disponível em: <https://www.obeltrano.com.br/portfolio/as-vozes-de-grace-passo/>. Acesso em: 17/07/2021.

TV BRASIL, Programa Espaço Público. 1 vídeo (58:14) Entrevista: **Conceição Evaristo**. Publicado pelo canal youtube em: 18/06/2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3oeouOXKDbU>. Acesso em: 15/05/2022.

TV BRASIL, Programa Espaço Público. 1 vídeo (27:22) **O Trilha de Letras recebe a escritora Conceição Evaristo**. Publicado pelo canal youtube em: 20/03/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9lpOGN36WxA> acesso: 18/05/2022.